

Investimento alto não atrai produtor

Em 525 mil hectares de cerrado ocupados pelo Distrito Federal, apenas 250 mil são agricultáveis. E isto se deve à dificuldade em corrigir a acidez do solo, prejudicial a qualquer plantação. Neste espaço, em condições de plantio, ainda é preciso utilizar toda a tecnologia disponível para alcançar bons resultados, principalmente em se tratando do cultivo de frutas. Apesar da assistência técnica dada pela Emater e o incentivo da Secretaria de Agricultura, não são muitos os agricultores que arriscam esperar de três a quatro anos até que possam começar a colher. Isto sem falar nos juros a serem pagos ao banco pelo crédito rural adquirido.

Por estes e outros motivos, o Distrito Federal é quase totalmente carente em frutas, tendo que importar de outros Estados. Mesmo agora quando é a época da tangerina, os 121 produtores da fruta, cadastrados pela Emater, não conseguem produzir o suficiente para abastecer o mercado paulista. A Ceasa é obrigada a recorrer aos agricultores paulistas para suprir o déficit de 67 por cento de uma demanda estimada para este ano em torno de 3 mil 400 toneladas. O mesmo ocorre com a banana e a laranja, sendo necessário importar 78 por cento e 95 por cento, respectivamente, para atender o abastecimento interno. Salvam-se neste quadro apenas o limão, com uma produção de 4 mil 971 toneladas calculadas pela Emater para 1986, e a manga, que deverá ter uma produção de mais de 2 mil 700 toneladas — e isto sem computar a Proflora, empresa de economia mista que exporta manga de

Brasília para alguns Estados e também para o exterior.

LIMÃO

O limão tahiti já é considerada a fruta tradicional da região. Ele floresce durante todo o ano, mas o pico da produção concentra-se nos meses de dezembro a março. Suas mudas são encontradas facilmente e o plantio não requer muitos cuidados, pois essa espécie se adapta razoavelmente bem ao solo ácido. Essas facilidades despertaram o interesse de 318 pequenos produtores, até o momento, que estão cultivando a fruta em 740 hectares, assistidos pela Emater.

Mas se por um lado os agricultores agradecem o incentivo recebido, por outro, a alegria pode durar pouco tempo. Dentro de no máximo três anos, entre os meses de dezembro a março quando começar a colheita da safra, haverá uma superprodução de limão, alerta o assessor Estadual de Fruticultura da Emater, Paulo Guedes. Quando esta "explosão" acontecer haverá uma brutal queda no preço. Automaticamente o produtor não terá condições de colher a fruta e colocá-la no mercado, pois terá prejuízos.

A solução para este futuro problema é função da Secretaria de Agricultura, alega a Emater. Ela poderia organizar uma campanha incentivando o paulista a consumir mais limão, "substituindo o suco de laranja pelo de limão, por exemplo", sugere Paulo Guedes. Outra solução bem-vinda seria promover a sua exportação, como já acontece com a manga. Mas o produtor não se sen-

te motivado para isso. Com o baixo preço da fruta na safra (a caixa de 24 quilos custava somente Cz\$ 20 em maio) a comercialização não cobre os gastos com a colheita.

Mas a Emater não vai esperar para ver os resultados desta supersafra e já está fazendo sua parte: mudou de tática. Ela não estimula mais o cultivo do limão — e da manga — tentando conter o excesso de produção. Agora as atenções estão voltadas para a laranja, que tem um futuro promissor na região.

LARANJA

Duas indústrias, em fase de implantação, estão de olho no Distrito Federal. Uma é a Citroeste, localizada na divisa com Goiás. A outra é a Centrosuco, em Inhumas, Goiás, que abrangerá um raio de 250 quilômetros em seu entorno. As duas pretendem vender suco de laranja não só para todo o Brasil mas, para onde for possível no exterior.

A Centrosuco associará agricultores interessados em plantar laranja, até atingir 2,5 milhões/pés. Sua parte no contrato prevê o fornecimento de mudas, assistência técnica e a compra de toda a produção ao preço que a Cacex fixar na época da colheita. A Citroeste tem um contrato mais abrangente. Além de todos esses fatores citados, esta indústria também se compromete a fazer a colheita para o produtor. Seu interesse é por 2 milhões de pés de laranja, sendo que ela própria se encarregará por 1 milhão e o restante através dos agricultores associados.

Este é um projeto que já saiu da fase de estudos e está sendo implantado, mas

só comerá efetivamente a funcionar dentro de oito anos, conforme explicou o assessor da Emater. Seu sucesso depende basicamente dos agricultores, que pouco têm se interessado em plantar laranja na região. Segundo dados da Emater, há somente 38 mil pés da fruta cultivados em 190 hectares, por 240 produtores. Pode ser que a vinda destas indústrias induza o setor a incrementar a produção. O assentamento das 500 famílias no Combinado Agrourbano também ajudará. São 3 mil 500 hectares em condições de plantio e grande parte será ocupado com a laranja.

CRÉDITO RURAL

Apesar das mudas vendidas em Brasília serem de péssima qualidade e a tecnologia ainda ter falhas, o crédito rural continua sendo o maior problema do fruticultor. A Emater defende a tese de que deveria haver um crédito específico para quem planta frutas, com um prazo de carência mais amplo. Paulo Guedes lembra que quem planta frutas quase sempre precisa recorrer a outras atividades para pagar o empréstimo bancário. Isso porque até a fruteira atingir a chamada "idade adulta", quando seus frutos estão grandes e alcançam bons preços no mercado, já se passaram cinco anos.

Paulo Guedes acredita numa solução, caso o GDF determine que o Banco de Brasília amplie o prazo de pagamento. Mas isso é muito difícil acontecer sem infringir as determinações do Banco Central. Seria preciso fazer um extenso trabalho junto ao Governo federal e o assunto não passou de simples reflexos.